



## A teoria pulsional em Freud e Spielrein

### Drive theory in Freud and Spielrein

Fátima Caropreso<sup>1</sup>

**Resumo:** Em *A destruição como origem do devir* (2014b), Sabina Spielrein elabora uma teoria bastante original sobre as pulsões. Algumas de suas hipóteses se aproximam de ideias fundamentais da teoria que Freud elabora a partir de 1920; no entanto, há diferenças importantes que distanciam o pensamento dos dois autores. Nesse artigo, retomamos alguns dos principais aspectos da teoria freudiana sobre as pulsões e, em seguida, apresentamos e discutimos as hipóteses que Spielrein formula sobre o tema em seu texto sobre a destruição, de 1912. Procuramos mostrar que a teoria de Spielrein agrega elementos do primeiro e do segundo dualismo pulsional freudiano, mas apresenta uma autenticidade que nos permite dizer que ela foi além de Freud e intuiu características essenciais do psiquismo, que Freud ainda levaria anos para perceber.

**Palavra-chave:** Psicanálise; pulsão; instinto de morte; Freud; Sabina Spielrein.

**Abstract:** In *Destruction as the cause of come-into-being* (2014b), Sabina Spielrein presents a quite original drive theory. Some of her hypotheses are close to fundamental concepts of the theory developed by Freud from 1920 onwards. However, there are also differences between their views. In this article, some of the main aspects of Freud's drive theory are reviewed. Spielrein's hypotheses presented in her 1912 paper on destruction are also exposed and discussed. It is argued that Spielrein's theory assembles certain aspects of both the first and the second Freudian drive duality. Nonetheless, her views also display great originality, which allows the conclusion she went beyond Freud at the time. Indeed, she recognized essential features of the psyche, which Freud would still take years to realize.

**Key-words:** Psychoanalysis; drive; death instinct; Sabina Spielrein; Freud.

No texto, de 1912, *"A destruição como origem do devir"*, a psicanalista russa Sabina Spielrein apresenta uma teoria bastante original sobre as pulsões. Muitos

---

1 Professora do Departamento de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2.

autores afirmam que, nesse texto, ela antecipou o conceito freudiano de pulsão de morte (Lothane, 2003; Britton, 2003; Van Waning, 1992; Robert, 1966; Carotenuto, 1980; Peres, 2012). No entanto, uma análise atenta do texto de Spielrein revela que sua concepção de instinto de morte é significativamente diferente daquela que Freud viria a formular em *Além do princípio do prazer* e que outras hipóteses que ela apresenta, de certa forma, aproximam-se de conceitos que Freud introduz em sua teoria a partir de 1920. No entanto, apesar de se aproximar de aspectos fundamentais da teoria freudiana, há diferenças essenciais que distanciam o pensamento dos dois autores e que tornam problemática a afirmação de que ela antecipou conceitos freudianos.

Nesse artigo, procuraremos mostrar que a teoria pulsional de Spielrein agrega elementos do primeiro e do segundo dualismo pulsional freudiano, embora apresente uma originalidade que nos permite dizer que ela foi além de Freud e teve certas intuições que Freud ainda demoraria anos para alcançar. Iniciaremos retomando alguns dos aspectos centrais da teoria freudiana das pulsões e, em seguida, passaremos à apresentação e discussão das principais características das hipóteses de Spielrein sobre o tema.

### **A teoria pulsional freudiana**

No texto *Projeto de uma psicologia*, redigido em 1895 e publicado em 1950, encontramos a formulação inicial das hipóteses que viriam a constituir os fundamentos do conceito freudiano de pulsão (Trieb), tal como este é pensado na obra anterior a 1920. Nesse texto, Freud apresenta a distinção entre os modos de ação das excitações endógenas e exógenas sobre o psiquismo. Os impulsos provenientes do mundo externo seriam muito intensos e agiriam por “choque” sobre o aparelho neuronal. Já os impulsos provenientes do interior do corpo produziriam um fluxo constante e menos intenso de excitação e dariam origem a representações na medida em que adquirissem certa intensidade. Essas representações de estímulos corporais seriam as pulsões, de acordo com as hipóteses elaboradas por Freud em parte de sua obra.

Uma teorização mais sistemática sobre o conceito de pulsão está presente no artigo *Pulsões e seus destinos*, de 1915. Freud inicia esse texto expondo a sua concepção sobre o desenvolvimento da ciência e esclarecendo a natureza do conceito de pulsão. Nenhuma ciência, argumenta ele, inicia-se com conceitos básicos claros, definidos com precisão. O início da atividade científica consiste em descrever fenômenos, ordená-los e inseri-los em nexos causais. No entanto, mesmo para a descrição dos fenômenos, é necessário partir de certas ideias abstratas extraídas de outro lugar, e não dos fenômenos observados. Essas ideias abstratas são as que vêm a constituir, posteriormente, os conceitos básicos de uma ciência, os quais, a princípio, admitem certo grau de indeterminação e têm sua validade garantida pela remissão ao material empírico e pela sua potencialidade de explicação dos fatos observados.

Com o avanço da exploração científica, contudo, eles vão sendo delimitados com maior exatidão, até que seja possível dar-lhes a forma de definições, o que não significa que, a partir de então, eles permaneçam inalteráveis. Mesmo os conceitos básicos fixados em definições podem experimentar uma mudança constante em seu conteúdo, argumenta o autor.

A pulsão, segundo Freud (1998e), seria um conceito básico desse tipo: imprescindível para tornar os fatos psicológicos compreensíveis, no entanto, no momento, bastante obscuro em si mesmo. Esse preâmbulo parece ter como objetivo ressaltar que, embora estivesse claro que o conceito de pulsão fosse fundamental para a explicação dos fatos psicológicos, ainda não havia a possibilidade de defini-lo com precisão. De fato, observamos na teorização freudiana sobre as pulsões uma série de oscilações e reformulações.

Para introduzir a noção de pulsão em *Pulsões e seus destinos*, Freud (1998e) retoma a diferenciação entre o modo de ação dos estímulos exógenos e endógenos sobre o aparelho neuronal, que havia sido elaborada no *Projeto de uma psicologia* e retomada em *A interpretação dos sonhos* (1905). Ao contrário dos estímulos de origem externa, os estímulos corporais não atuariam como uma força de choque momentânea, nem poderiam ser totalmente eliminados mediante ações reflexas. Eles atuariam como uma força constante e sua eliminação exigiria a execução de uma “ação específica” sobre o mundo. Tampouco haveria possibilidade de fuga perante a estimulação pulsional. Toda a complexidade da atividade psíquica decorreria, assim, da necessidade de satisfazer as necessidades corporais. No *Projeto*, Freud havia afirmado que o fato de o sistema de memória ( $\psi$  do núcleo) estar exposto sem proteção às quantidades de origem endógena funcionava como a “*mola pulsional do mecanismo psíquico*” (Freud, 2003, p. 194). No artigo metapsicológico sobre as pulsões, ele volta a afirmar que: “(...) as pulsões, e não os estímulos externos, são os genuínos motores dos progressos que têm levado o sistema nervoso (cuja produtividade é infinita) a seu atual nível de desenvolvimento.” (Freud, 1998e, p. 116)

Em *Pulsões e seus destinos* (1915), Freud faz uma distinção clara entre o estímulo endógeno e a própria pulsão. Essa seria o *representante psíquico* dos estímulos endógenos; seria a expressão psíquica de tais estímulos e não os próprios estímulos. Em suas palavras:

(...) a “pulsão” nos aparece como um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, como um representante {Repräsentant} psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corporal” (Freud, 1998e, p. 117).

Esse mesmo sentido fora atribuído ao conceito de pulsão em duas ocasiões anteriores: na terceira parte do caso Schreber (Freud, 1998c) e em uma passagem agregada aos *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade* (Freud, 1998b), poucos meses antes da redação do artigo metapsicológico sobre as pulsões. Nessa passagem, Freud define a pulsão como:

(...) a agência representante (Repräsentanz) psíquica de uma fonte de estímulos intrasomática em contínuo fluir; isso a diferencia do “estímulo”, que é produzido por excitações singulares provenientes de fora. Assim, “pulsão” é um dos conceitos de demarcação do psíquico em relação ao corporal” (Freud, 1998b, p. 153).

Dessa forma, de acordo com essas definições, a pulsão seria algo que representaria os estímulos orgânicos no psíquico, ou seja, seria uma representação de estímulos corporais. No entanto, a partir do texto *A repressão* (Freud, 1998f), a pulsão começa a ser concebida de modo distinto. Freud passa a diferenciá-la de seu representante psíquico, isto é, define a pulsão como o estímulo orgânico que é representado no psíquico pelo *representante de pulsão* (*Triebrepräsentanz*), e não mais como a representação dos estímulos orgânicos. De acordo com essa definição, a pulsão só se manifestaria no mental através de seu representante. Essa segunda concepção de pulsão é mantida nos demais artigos metapsicológicos. Na seguinte passagem de *O inconsciente* (Freud, 1998g), ele explicita sua hipótese sobre a relação entre a pulsão e a representação:

Uma pulsão nunca pode passar a ser objeto da consciência; só a representação que é sua representante pode sê-lo. Mas tão pouco no interior do inconsciente [ela] pode estar representada a não ser pela representação. Se a pulsão não aderisse a uma representação nem saísse à luz como um estado afetivo, nada poderíamos saber dela. Então, sempre que falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional reprimida, não é senão por um inofensivo descuido da expressão. Não podemos aludir se não a uma moção pulsional cujo representante-representação é inconsciente, pois outra coisa não entra em conta (Freud, 1998g, p. 173).

Então, a partir do texto *A repressão*, a pulsão passa a ser concebida como um estímulo corporal que é representado no psíquico pela instância que Freud denomina *representante-representação*. A noção de pulsão está, portanto, inteiramente no domínio biológico. Assim, quando a excitação de origem somática ingressa no aparelho psíquico, ela dá origem a representações, ganhando, assim, expressão mental.

Pode-se dizer, portanto, como comenta Strachey (1998), que há, na teoria que Freud elabora nos artigos metapsicológicos, uma oscilação entre a pulsão compreendida como a representação de um estímulo somático ou como o próprio estímulo que é representado no psiquismo. A primeira dessas concepções aparece

no artigo metapsicológico sobre as pulsões; a segunda, no artigo metapsicológico sobre a repressão. Considerando-se que, a partir desse último artigo e adiante, Freud mantém a definição da pulsão como o estímulo somático que se faz representar no psiquismo, parece possível dizer que essa última concepção é a que predomina neste momento da teoria.<sup>2</sup> De qualquer forma, fica claro que, agora, a pulsão é pensada por Freud como um conceito que se situa na fronteira entre o psíquico e o somático. Essa concepção, no entanto, é modificada com a introdução do segundo dualismo pulsional.

### **A ampliação da pulsão na passagem do primeiro para o segundo dualismo pulsional freudiano**

De acordo com a primeira teoria pulsional freudiana, haveria uma oposição entre as *pulsões sexuais* e as *pulsões de autoconservação*, ou *egoicas*. Essa oposição estaria na base do conflito subjacente às neuroses e foi proposta, inicialmente, a partir da investigação de tais patologias. Contudo, a tentativa de compreender a demência precoce e outros fenômenos psicológicos levou Freud a reconhecer que o sujeito pode tomar a si mesmo como objeto de amor, que o eu pode ser investido libidinalmente, o que acabou conduzindo à introdução do conceito de *narcisismo*. Esse conceito obscureceu a diferenciação entre as duas classes de pulsões, uma vez que ambas pareciam apresentar uma origem libidinal comum. Durante algum tempo, Freud continuou sustentando seu primeiro dualismo pulsional a partir da diferenciação, proposta em *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1998d), entre a *libido egoica* e a *libido objetal*. Parte da libido se direcionaria para o eu (libido egoica) e, outra parte, se direcionaria para o objeto (libido objetal). Ambas seriam manifestações das pulsões sexuais e essas estariam em contraposição às pulsões egoicas (interesse). No entanto, em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1998h), as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação passam definitivamente a fazer parte da mesma classe de pulsões – as *pulsões de vida* – e Freud estabelece uma nova oposição entre estas e as *pulsões de morte*.

Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud formula a hipótese de que haveria um tipo de funcionamento psíquico que antecederia aquele regido pelo princípio do prazer. Este funcionamento primitivo consistiria em uma “compulsão à repetição” e teria como função ligar a excitação que chegasse ao aparelho psíquico, sendo condição para que o princípio do prazer se tornasse dominante. Ao refletir sobre a relação existente entre a compulsão à repetição e a atividade pulsional, o autor conclui que a primeira deve ser uma característica universal das pulsões:

Parece, então, que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, de restaurar um estado de coisas anterior, que a entidade

<sup>2</sup> Essa colocação da pulsão claramente no domínio biológico pode ser tomada como um argumento adicional para justificar a tradução do termo “Trieb” por “instinto”, como propõe Simanke (2014).

viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças externas perturbadoras, isto é, é um tipo de elasticidade orgânica, ou dizendo de outra maneira, e expressão da inércia inerente à vida orgânica (Freud, 1998h, p. 36).

Nesse momento, Freud parece estar ampliando a noção de pulsão em relação a suas formulações anteriores. Até então, a pulsão tinha sido concebida como a expressão psíquica dos estímulos endógenos ou como a própria estimulação endógena que é representada no psíquico. Como comentamos anteriormente, nos artigos metapsicológicos publicados em 1915, ele define a pulsão de ambas as maneiras. Seja como for, a pulsão vinha sendo caracterizada como um conceito relacionado à fronteira entre o somático e o psíquico. Em *Além do princípio do prazer*, contudo, ela passa a ser um conceito mais abrangente, que não se limita ao psíquico, mas diz respeito à totalidade do ser vivo: Freud a define, na passagem acima, como um esforço “inerente à vida orgânica” para retornar a um estado anterior.

Mas qual seria esse estado anterior e originário ao qual toda pulsão aspiraria regressar, pergunta-se Freud em seu texto de 1920. Em outras palavras, qual seria a meta final de toda a vida? Sua resposta é: *o objetivo de toda a vida é a morte e, retrospectivamente, as coisas inanimadas existiram antes daquelas vivas* (Freud, 1998h, p. 38). Desde sua origem, portanto, a vida possuiria uma tendência a retornar ao estado inorgânico. Regressar ao inorgânico significaria livrar-se de toda a excitação e de todas as formas de tensão, ou seja, alcançar a morte. Assim, quando as propriedades da vida fossem suscitadas na matéria inanimada, surgiria uma pulsão que visaria regressar ao inanimado. Com isso, Freud chega ao conceito de *pulsão de morte*. Mas haveria algo, na atividade pulsional, que escaparia a essa tendência à morte: as pulsões sexuais.

De início, em *Além do princípio do prazer* (1920), o que Freud alega escapar à tendência geral para a morte não é a atividade das pulsões sexuais como um todo, mas apenas a das células germinativas. Adiante, no entanto, ele acaba por concluir que é possível afirmar que todas as pulsões sexuais atuam a favor da conservação da vida e contra a tendência a retornar ao inanimado. Ao analisar algumas características dos protistas, ele chega à conclusão de que o que, de fato, possui a capacidade de renovar a vida é o aumento da estimulação e, portanto, não apenas a fusão de duas células germinativas para o surgimento de um novo ser vivo trabalharia no sentido contrário ao da tendência para a morte, mas também o aumento da estimulação produzido pelo contato entre dois corpos ou por outras formas de estimulação. A partir dessa perspectiva, torna-se possível identificar, não apenas na atividade sexual que conduz à fusão entre duas células germinativas, mas também nas manifestações sexuais em geral, alguma coisa que se opõe à morte: a promoção do contato entre dois corpos, que produziria um aumento da estimulação sobre o organismo. Freud chega, assim, à conclusão de que:

Podemos supor que os instintos de vida, ou instintos sexuais, que estão ativos em cada célula tomam as outras células como seus objetos, que eles neutralizam parcialmente os instintos de morte (isto é, os processos criados por eles) naquelas células e, assim, preservam sua vida (Freud, 1998h, p. 50).

Freud reconhece que a constatação de que o aumento da estimulação fortalece a vida é coerente com a suposição de que o processo vital conduz, por razões internas, à nivelção das tensões químicas. Diante disso, pode-se assumir que a pulsão de morte trabalharia no sentido da diminuição da excitação e a pulsão de vida no sentido do seu acréscimo.

As pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação estariam incluídas na classe das pulsões de vida (Eros). Freud sugere, em seu texto de 1920, que talvez a agressividade pudesse ser considerada como manifestação da pulsão de morte. Essa hipótese é reafirmada em textos posteriores, como, por exemplo, em *O ego e o id* (Freud, 1998i). Na quarta parte deste último texto, Freud retoma e desenvolve suas hipóteses sobre a oposição entre as duas classes de pulsões.<sup>3</sup> Ele reafirma que esta oposição pode ser expressa pela polaridade entre amor e ódio e que a “pulsão de destruição”, para a qual o ódio aponta o caminho, seria um representante da pulsão de morte.

Em cada fragmento de substância viva, as duas classes de pulsões estariam ativas, ainda que em mistura desigual. É necessário supor, diz Freud, que as duas espécies de pulsões se ligam e se misturam regularmente em larga medida. Devido à ligação dos organismos unicelulares em formas de vida pluricelulares, a pulsão de morte da célula singular poderia ser neutralizada à medida que os impulsos destrutivos fossem desviados para o mundo externo por meio da musculatura. Assim, a pulsão de morte se manifestaria – embora apenas em parte – como pulsão de destruição voltada para o mundo externo e para outras formas de vida. Em relação ao funcionamento do aparelho psíquico, Freud levanta a hipótese de que os instintos de destruição voltados para o exterior teriam sido desviados do próprio eu pela mediação de Eros, o que conduz à suposição de que “*os instintos são por sua natureza mudos e que o clamor da vida procede, em sua maior parte, de Eros*” (Freud, 1998i, p. 46).

No entanto, argumenta o autor, uma vez que a concepção de uma mescla ou junção das duas espécies de pulsões é admitida, torna-se necessário admitir também a possibilidade de uma disjunção, mais ou menos completa. No sadismo, enquanto perversão, teríamos um exemplo de disjunção das pulsões, embora não levado ao extremo. Freud levanta a suspeita de que o ataque epilético também seja produto e indício de uma disjunção de pulsões, assim como alguns dos efeitos de neuroses graves, em especial da neurose obsessiva.

3 Uma análise mais detalhada da segunda teoria pulsional freudiana pode ser encontrada em Caropreso e Simanke (2009).

Assim, para Freud, embora as pulsões sexuais e as pulsões de morte atuassem juntas em grande parte dos fenômenos psíquicos, elas pertenceriam a classes de pulsões distintas e opostas. Spielrein defendera, oito anos antes de Freud, a necessidade de se supor um *instinto de morte* no psiquismo, embora esse não se estivesse em oposição ao instinto sexual, mas fosse interno a esse último.

### A teoria pulsional de Spielrein

Em *Destruição como origem do devir* (Spielrein, 2014b), Spielrein levanta a questão de por que a pulsão de reprodução (*Fortpflanzungstrieb*) pode trazer consigo sentimentos negativos, como ansiedade e desgosto, ao lado de sentimentos positivos. Após comentar hipóteses de alguns autores que apontaram essa relação e tentaram explicá-la, ela analisa alguns fenômenos biológicos e, então, chega a uma hipótese própria para responder a questão anteriormente colocada: “tais sentimentos negativos correspondem ao componente destrutivo (*Destruktiven Komponente*) dos instintos sexuais (*Sexualinstinkte*)” (Spielrein, 2014b, p. 467). Assim, para Spielrein, a pulsão de reprodução, ou de conservação da espécie, possuiria componentes positivos e negativos (destrutivos) e o instinto de morte corresponderia a esses últimos, de forma que haveria um “instinto de morte (*Todesinstinkt*) nos instintos sexuais” (Spielrein, 2014b, p. 489). A pulsão de conservação da espécie, contudo, trabalharia no sentido oposto ao da pulsão de autoconservação e essa oposição estaria diretamente vinculada à diferenciação, defendida por Spielrein em seu texto de 1912, entre duas partes da psique: a “psique da espécie” (*Artpsyche*) e a “psique do Eu” (*Ichpsyche*) (Caropreso, 2016).

Dando continuidade a suas investigações sobre a esquizofrenia, apresentadas no texto, de 1911, *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*, Spielrein (2014b) diferencia entre uma “psique do Eu” e outra mais profunda, denominada “psique da espécie”. Ela conclui que o inconsciente não contém apenas experiências do passado individual, mas também de inúmeras gerações, de forma que a assimilação inconsciente de eventos que tivessem ocorrido em muitas gerações se encaixaria na cadeia de pensamentos do presente, ou seja, transformaria uma experiência do Eu em uma experiência da espécie. Quanto mais nos aproximássemos de nossos pensamentos conscientes, mais diferenciadas seriam nossas representações, ao passo que quanto mais penetrássemos no inconsciente, mais universais e típicas elas seriam. Segundo a autora: “o âmago da nossa psique não conhece o “Eu”, mas apenas seu somatório, o “nós”, ou o Eu presente, visto como objeto, é subordinado a outros objetos semelhantes.” (Spielrein, 2014b, p. 238) Dessa forma, uma parte individual da personalidade poderia ser tomada como objeto (Caropreso, 2017a).

Spielrein (2014b) se refere à psique da espécie como uma “severa censura”. Ela se pergunta: “Por que a severa censura que procura modificar nossas experiências continua existindo ainda por muito tempo, mesmo quando não sentimos mais o poder dos pais sobre nós? Por que não experimentamos tendencialmente sempre a mesma coisa e reproduzimos



*a mesma coisa?*” (Spielrein, 2014b, p. 242). Segundo ela, isso se deveria ao fato de existir, ao lado de nosso desejo por manter nossa condição presente, um desejo pela transformação que conduz à dissolução do conteúdo do Eu naquele da espécie. Ela propõe, então, que duas tendências opostas estariam presentes no psiquismo: uma *tendência à dissolução e assimilação* e uma *tendência à diferenciação*, as quais seriam expressões psíquicas das pulsões de conservação da espécie (*Arterhaltungstrieb*) e de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*), respectivamente. Enquanto a primeira dessas tendências visaria transformar a experiência do Eu em uma experiência da espécie, a segunda visaria manter a inércia da personalidade egoica.

Para Spielrein (2014b), não haveria devir sem destruição, portanto, a conservação da espécie daria origem à tendência à dissolução e assimilação, da qual dependeria a criação de novos seres. Já a pulsão de autoconservação não daria origem a nada de novo, uma vez que ela não possuiria componentes destrutivos (negativos) e visaria manter a inércia do Eu. Assim, Spielrein argumenta que:

A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, composta apenas de um lado positivo, a pulsão de conservação da espécie, que precisa dissolver o antigo para que o novo surja; é composta de um componente positivo e um negativo. A pulsão de conservação da espécie é, por essência, ambivalente; por isso, o estímulo dos componentes positivos provoca, ao mesmo tempo, o estímulo dos componentes negativos, e vice-versa. A pulsão de autoconservação é uma pulsão “estática”, na medida em que deve proteger o indivíduo que já existe de influências externas. A pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica” que anseia pela alteração, pela “ressureição” do indivíduo em uma nova forma. Nenhuma alteração pode acontecer sem o aniquilamento do estado antigo (Spielrein, 2014b, p. 261).

O processo de dissolução e assimilação poderia ser vivido de forma prazerosa ou desprazerosa. Na demência precoce, a transformação das representações egoicas em representações da espécie daria origem inicialmente à ansiedade e depressão severas. Tais sentimentos surgiriam enquanto o paciente se empenhasse em sustentar uma relação egoica. Com o progresso da doença, a indiferença se instalaria. Já, na experiência artística, a transformação do egoico no coletivo seria vivida com regozijo. Para Spielrein, ao criar o típico, o artista desfrutaria seu produto sublimado (Caropreso, 2018). Também no envolvimento com o sexo oposto, a dissolução do ego no amado seria vivida com alegria. No entanto, ela chama atenção para o fato de que podemos sentir um prazer real no desprazer ou na dor, o que conduz à hipótese de que nem todo o funcionamento mental é regido pelo princípio do prazer, tal como defendia Freud na época em que seu trabalho foi escrito (Caropreso, 2017a).

Spielrein (2014b) argumenta que a psique da espécie não obedece ao princípio do prazer, como supunha Freud. Esse princípio diria respeito apenas ao funcionamento egoico consciente e inconsciente. Na psique da espécie, poderia estar

presente um regozijo diante da dor que prejudicasse a luta pela autoconservação, assim como um desejo de danificar a si mesmo (o Eu), o que seria perfeitamente compatível com a hipótese da tendência à dissolução e assimilação do Eu. A autora argumenta que o desejo de ferir a si mesmo e o regozijo pela dor tornam necessária a suposição de que nem todos os processos psíquicos trabalham no sentido do princípio do prazer, ou seja, torna necessário supor que há um funcionamento psíquico mais profundo, que não obedece a esse último princípio. Diz ela:

(...)a psique do Eu, inclusive a inconsciente, é guiada por moções que se encontram ainda mais profundas e não se ocupam nem um pouco com nossas reações emocionais às demandas impostas por elas. O desprazer é simplesmente a reação afirmativa do Eu a essas demandas originárias do âmagos e nós podemos ter prazer diretamente a partir do desprazer e prazer pela dor, a qual, tomada em si mesma, é fortemente carregada de desprazer, pois a dor corresponde a um prejuízo do indivíduo, contra o qual nosso instinto de autoconservação se opõe. Portanto, em nosso âmagos há algo que, por mais paradoxal que isso possa soar *a priori*, busca esse prejuízo, uma vez que o Eu reage a ele com prazer. O desejo do autoprejuízo, o regozijo pela dor é, no entanto, completamente incompreensível se considerarmos apenas a vida do Eu, a qual só quer ter prazer (Spielrein, 2014b, p. 237).

O impulso de destruição, ou o instinto de morte, proviria dessa psique profunda, cujo funcionamento não obedeceria ao princípio do prazer. Pode-se dizer que o instinto de morte seria um impulso de aniquilação do Eu e não um impulso de destruição do organismo.

Dessa forma, para Spielrein, a psique da espécie e a psique do Eu apresentariam duas tendências antagônicas. A primeira conteria uma tendência à dissolução e à assimilação do conteúdo do Eu naquele da espécie, a qual seria expressão psicológica da pulsão de conservação da espécie. A psique do Eu, por sua vez, manifestaria uma tendência à diferenciação, que seria expressão psicológica da pulsão de autoconservação e que visaria manter o estado atual do Eu. Enquanto a tendência à dissolução e assimilação se fundamentaria em componentes positivos e negativos, a tendência à diferenciação se basearia apenas em componentes positivos. Uma vez que não haveria criação sem destruição, da primeira dessas tendências é que dependeria o surgimento de algo; dela dependeria a conservação da espécie e essa teria como condição a destruição do Eu. A psique da espécie, ao contrário daquela do Eu, não trabalharia no sentido da fuga do desprazer e da busca do prazer (Caropreso, 2016).

Há diferenças significativas entre o instinto de morte proposto por Spielrein e a pulsão de morte freudiana. Para ela, haveria um instinto de morte “no” instinto sexual, enquanto Freud (1998h; 1975) sustenta que a pulsão sexual pertence à classe das pulsões de vida, às quais se oporia outro grupo de pulsões opostas que

trabalhariam a serviço da morte do organismo. Dessa maneira, embora reconheça a relação íntima entre sexualidade e destrutividade, manifesta principalmente no sadismo, para Freud não haveria uma pulsão de morte interna a pulsão sexual. Como aponta Kerr (1988), para Spielrein a sexualidade seria inerentemente ambivalente e a morte estaria contida em sua dialética. Já, para Freud, a tendência para a morte seria a manifestação primária de uma pulsão de morte independente da libido.

Outro ponto importante de distinção entre os dois autores é que, justamente por supor um instinto de morte no instinto sexual, Spielrein considera o impulso destrutivo indissociável de um impulso reprodutivo, os quais se expressariam na tendência à dissolução e assimilação. Assim, para ela, a destruição impulsionada pelo instinto de morte seria indissociável da criação. Podemos dizer que a destruição seria condição para o surgimento do novo e o traria consigo necessariamente. Por este motivo, ela considerava que a pulsão de conservação da espécie surgiria de componentes positivos e negativos. Já, para Freud (1998h), a pulsão de morte visaria, em última instância, o retorno ao inorgânico, à aniquilação da vida, e não teria como consequência necessária, portanto, a criação. Freud explica a conservação e o desenvolvimento da vida a partir da ação das pulsões de vida, ou seja, a partir de outra classe de pulsões independentes. Assim, a pulsão de morte, por si só, conduziria à aniquilação da vida; ela não daria origem a nada de novo como consequência da destruição; ela não seria “criativa”. Neste sentido, é que podemos dizer que, para Freud, a pulsão de morte seria puramente negativa, diferentemente do que sustenta Spielrein (Caropreso, 2017a).

Além de propor que a destruição é indissociável da criação, para Spielrein, o instinto de morte visaria à aniquilação da psique egoica e sua submissão à psique da espécie. Não se trataria, portanto, da destruição da vida como um todo, mas da destruição do Eu. Esse é outro ponto importante que distancia os conceitos dos dois autores. A diferenciação entre psique Eu e da espécie e a suposição de que a primeira buscaria sobrepor-se à segunda não encontra paralelo na teoria freudiana.

Como vimos, Spielrein enfatiza que nem toda atividade mental obedece ao princípio do prazer e que este último princípio diz respeito apenas ao Eu consciente e inconsciente. Com isso, ela parece antecipar a hipótese, introduzida por Freud, em 1920, de que há um funcionamento psíquico primordial que não obedece ao princípio do prazer.

Para ambos os autores, esse funcionamento primitivo teria um aspecto regressivo, embora isso não signifique o mesmo para cada um deles. Para Freud, tal atividade psíquica consistiria em uma compulsão à repetição, que visaria retornar a um estado anterior ao surgimento da vida. Para Spielrein, a atividade da psique da espécie é que estaria para além do princípio do prazer e essa trabalharia no sentido de reproduzir uma experiência do passado da espécie. Tal diferença

entre as hipóteses dos dois autores está na base da diferença, que apontamos anteriormente, a respeito do aspecto puramente negativo do conceito freudiano de pulsão de morte, o qual não está presente no conceito de instinto de morte de Spielrein. Além disso, para Freud, a compulsão à repetição promoveria a ligação da excitação e, assim, permitiria o surgimento do funcionamento mental governado pelo princípio do prazer. Dessa maneira, a compulsão à repetição trabalharia, ao fim e ao cabo, a favor deste último princípio. Já Spielrein supõe que a atividade da psique da espécie se opõe àquela da psique egoica, o que se manifesta na oposição entre a tendência à dissolução e assimilação, da primeira, e a tendência à diferenciação, da segunda (Caropreso, 2017a).

### **Considerações finais:**

Em sua teorização inicial sobre o conceito de pulsão, Freud a define como o representante psíquico de estímulos corporais. A partir do artigo metapsicológico *A repressão*, a pulsão passa a ser definida como o estímulo endógeno que se faz representar no psiquismo. Essa segunda definição insere a pulsão no domínio biológico; no entanto, em ambas trata-se de um conceito que diz respeito à fronteira entre o psíquico e o somático. Com a segunda dualidade pulsional, Freud amplia a noção de pulsão de forma que essa passa a ser pensada como um impulso inerente à vida, a regressar a um estado anterior. Assim, a pulsão deixa de ser concebida como um impulso que é representado no psiquismo, ou como algo que representa estímulos corporais, e passa a ser pensada como um impulso inerente à vida como um todo, ou seja, que transcende o humano e o mental. Essa definição de pulsão conduz ao conceito de pulsão de morte, concebido como uma tendência a regressar ao inanimado e conduz também à hipótese de que, para neutralizar a ação da pulsão de morte, de forma que a vida possa se manter, é necessário supor a existência pulsões de vida, que trabalham no sentido da integração, do aumento da estimulação. Esse conflito caracteriza o segundo dualismo pulsional, de acordo com o qual a oposição entre as pulsões de autoconservação e de conservação da espécie seria interna às pulsões de vida e haveria uma oposição maior entre a tendência a preservar e a aniquilar a vida.

Spielrein, oito anos antes de Freud introduzir seu segundo dualismo pulsional, defende a necessidade de supor a existência de um instinto de morte no psiquismo, o qual corresponderia aos componentes destrutivos da pulsão de conservação da espécie, ou do instinto sexual. Essa última pulsão, portanto, teria aspectos destrutivos e construtivos, englobando em si o que, de acordo com o segundo dualismo pulsional freudiano, estaria presente em duas classes de pulsões diferentes e opostas. Para Freud, a pulsão de morte trabalharia no sentido da diminuição dos estímulos e, em última instância, da destruição da vida. Já a pulsão de vida trabalharia no sentido da conservação da vida individual e da geração de novos seres.

Spielrein sustenta a existência de uma oposição entre as pulsões de autoconservação e aquelas de conservação da espécie, as quais se expressariam em duas partes diferentes do psiquismo: na psique do Eu e na psique da espécie, respectivamente. A primeira classe de pulsões daria origem a uma tendência a manter o estado atual do Eu, enquanto a segunda daria origem a uma tendência a dissolver o Eu no psiquismo da espécie. Essa tendência à dissolução seria impulsionada pelo instinto de morte e seria condição para a criação. Não existiria, para a autora, uma pulsão que tenderia a aniquilar a vida, mas sim uma pulsão que visaria dissolver o Eu atual e transformá-lo de acordo com os componentes de origem filogenética que estariam presentes no psiquismo. Existiria um instinto de morte que visaria transformar o Eu em nós, que visaria transformar o pessoal no impessoal. O conflito psíquico, portanto, consistiria, para Spielrein, no conflito entre essas duas tendências da psique: a que quer preservar o Eu e a que almeja dissolvê-lo. Podemos dizer, então, que a psicanalista mantém a primeira dualidade pulsional freudiana, no entanto, insere o instinto de morte e os componentes filogenéticos no interior do instinto sexual.

Embora mantenha a oposição entre as pulsões que caracterizam o primeiro dualismo freudiano, Spielrein propõe uma hipótese que parece antecipar um dos pressupostos fundamentais do segundo dualismo: a existência de um funcionamento mental que não obedece ao princípio do prazer. Assim, ela defende que não é possível sustentar o pressuposto – que estava na base da teoria que Freud formulara até então – de que todos os processos psíquicos são governados pela tendência a evitar o desprazer. Embora haja diferenças essenciais entre o que ambos os autores entendem por esse “além do princípio do prazer”, é inegável que, bem antes de Freud, ela percebe a impossibilidade de defender a onipresença desse princípio no psiquismo.

Como comentamos, o conceito de instinto de morte de Spielrein se diferencia significativamente daquele de Freud; assim, parece mais preciso dizer que ela antecipa a ideia de que existe “um” instinto de morte no psiquismo, em vez de afirmar que antecipa “o” conceito freudiano de pulsão de morte. Da mesma forma, parece ser possível dizer que ela antecipa a hipótese de que existe “um” funcionamento mental independente do princípio do prazer e não que ela antecipa “a” hipótese freudiana de princípio do prazer.

Em seu texto sobre a destruição, Spielrein parece pensar a pulsão como um impulso biológico que transcende o mental e o humano. Isso fica claro quando ela se apoia em dados biológicos para defender a suposição da existência de um instinto de morte no interior do instinto sexual. Inclusive, em uma carta a Jung de 30 de novembro de 1911, ao comentar sobre uma palestra proferida por Spielrein na Sociedade Psicanalítica de Viena, na qual ela apresentara parte das hipóteses de seu artigo sobre a destruição, Freud diz: “*O que mais me incomoda é que Spielrein*

quer subordinar o material psicológico a considerações biológicas; tal dependência não é mais aceitável do que uma dependência da filosofia, da fisiologia ou da anatomia cerebral” (McGuire, 1993, p. 476). Jung diz a Freud que, de fato, Spielrein “opera demasiadamente com a biologia e que esta característica é própria dela, não tendo sido aprendida com ele.” (McGuire, 1993, p. 477). Curiosamente, em *Além do princípio do prazer*, Freud apoia suas hipóteses acerca das duas classes de pulsões sobretudo em dados de pesquisas biológicas, de forma que ele faz exatamente o que criticara em Spielrein. Como comentamos, ele situa a pulsão no domínio biológico, deixando de lado a definição restrita da pulsão como conceito fronteiro entre o psíquico e o somático.

Sabina Spielrein formulou uma teoria original sobre as pulsões, a qual, embora se fundamente em certas premissas freudianas, vai muito além dessas e conduz a uma série de hipóteses novas, que nos levam a pensar que ela intuiu características essenciais do psiquismo que Freud ainda levaria anos para perceber.

### Referências:

- BRITTON, R. 2003. *Sex, death and the superego: experiences in psychoanalysis*. London: Karnac Books.
- CAROPRESO, F. 2016. “O instinto de morte segundo Sabina Spielrein”. In: *Psicologia USP*, 27(3). Disponível em <https://doi.org/10.1590/0103-656420150058> Acessado em 17 de agosto de 2018.
- \_\_\_\_\_. 2017a. “The death instinct and the mental dimension beyond the pleasure principle in the works of Spielrein and Freud”. In: *International Journal of Psychoanalysis*, 98.
- \_\_\_\_\_. 2017b. “O funcionamento mental e as bases ancestrais do psiquismo segundo Sabina Spielrein”. In: *Tempo psicanalítico*, 49. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v49n2/v49n2a07.pdf> Acessado em 2 de setembro de 2018.
- \_\_\_\_\_. 2018. “A esquizofrenia e a criação artística segundo Sabina Spielrein”. In: *Ágora*, 21(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982018002012> Acessado em 10 de dezembro de 2018.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. 2008. “Life and death in Freudian metapsychology: a reappraisal of the second instinctual dualism”. In: *International Journal of Psychoanalysis*, 89.
- CAROTENUTO, A. 1980. *A Secret Symmetry, Sabina Spielrein between Jung and Freud*. New York: Pantheon Books.
- FREUD, S. 2003. “Projeto de uma psicologia”. In *Notas a “Projeto de uma psicologia”*. Rio de Janeiro: Imago.

- \_\_\_\_\_. 1998a. “La interpretación de los sueños”. In: *Sigmund Freud obras completas*. vv. 4; 5. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998b. “Tres ensayos de teoría sexual”. In *Sigmund Freud obras completas*, v.7. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998c. “Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente”. In: *Sigmund Freud obras completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998d. “Introducción del narcisismo”. In *Sigmund Freud obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998e. “Pulsiones y destinos de pulsión”. In: *Sigmund Freud obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998f. “La represión”. In: *Sigmund Freud obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998g. “Lo inconciente”. In: *Sigmund Freud obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998h. “Más allá del principio de placer”. In: *Sigmund Freud obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- \_\_\_\_\_. 1998i. “El yo y el ello”. In: *Sigmund Freud obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- KERR, J. 1988. “Beyond the pleasure principle and back again: Freud, Jung, and Sabina Spielrein”. In: *Freud appraisals and reappraisals*. v. 3. Hillsdale: Analytic Press.
- LOTHANE, Z. 2003. “Tender love and transference: unpublished letters of C. G. Jung and Sabina Spielrein”. In: *Sabina Spielrein: Forgotten Pioneer of Psychoanalysis*. Nova York: Brunner - Routledge.
- PERES, R. S. M. 2012. “Sabina Spielrein: do que não se pode falar, do que não se pode saber”. In: *Letra Freudiana*. 11(10).
- ROBERT, M. 1966. *The Psychoanalytic Revolution: Sigmund Freud life and achievement*. New York: Harcourt, Brace & World.
- SPIELREIN, S. 2014a. “Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia”. In: *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. v. 1. São Paulo: Livros da Matriz.
- \_\_\_\_\_. 2014b. “A destruição como origem do devir”. In: *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. v. 1. São Paulo: Livros da Matriz.
- SIMANKE, R. 2014. “O *Trieb* de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução”. In: *Scientae Studia*, 12(1).
- STRACHEY, J. 1998. “Introdução ao *Trabalhos sobre metapsicologia*”. In: *Sigmund*

*Freud obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

VAN WANING, A. 1992. “The Works of Pioneering Psychoanalyst Sabina Spielrein —’Destruction as a Cause of Coming Into Being’”. In: *International Review of Psychoanalysis*, 19.

**Apoio: CNPq – Bolsa de produtividade em pesquisa.**

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.